

FORUM PARA A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO
10 de Março de 2006
Parque de Exposições de Aveiro

NOVAS OPORTUNIDADES EMPRESARIAIS EM TIC
Síntese do debate por Gonçalo Quadros (Critical Software)

INTRODUÇÃO

A sessão iniciou-se com a sala cheia (cerca de 50 pessoas, algumas delas de pé). A assistência incluía investigadores e docentes universitários, estudantes e empresários.

Como introdução os moderadores procuraram contextualizar a audiência. Referiram que mais do que uma discussão sobre que oportunidades em concreto se deveriam explorar em Portugal (por exemplo que *clusters* fomentar ou patrocinar) se desejava discutir o que poderia ser feito para que no nosso País o enorme potencial do sector TIC, sempre em evolução e a criar novas oportunidades, pudesse ser efectivamente aproveitado.

A discussão foi viva e muito participada.

Foi consensual que o contexto que caracteriza a sociedade portuguesa não é bom: a atitude, a aversão ao risco e o comodismo, a falta de confiança, são sérios *handicaps*; é necessário uma estratégia bem definida e muita determinação para a sua ultrapassagem. Foi ainda reconhecido que muitas das medidas que urge tomar não são passíveis de resultados a curto prazo, bem pelo contrário, sendo então importante que se encontrem *quick-wins* que abram caminho à mudança e ajudem à sua consolidação no médio e longo prazo.

A discussão centrou-se, grosso modo, em três grandes actores: Universidades, Governo, e Autarquias. As principais conclusões, organizadas dessa forma, são sumariadas de seguida

AS UNIVERSIDADES

Foi consensual entre os intervenientes que a actividade das Universidades deve ser avaliada segundo **critérios passíveis de estimular o empreendedorismo**. Métricas que tenham em conta o número de spin-offs por elas criados, o seu sucesso, ou patentes produzidas, devem ser utilizados (e não apenas, o que ainda é o mais comum, critérios baseados em publicações científicas).

Relacionado com a anterior, foi também largamente consensual que o **estatuto da carreira docente** é desadequado. Deveria promover e premiar, e não condicionar ou reprimir (como a generalidade dos intervenientes considerou que actualmente acontece) a ligação e envolvimento dos docentes nas actividades de empresas.

Foi também referido que o modelo de ensino nas Universidades deve evoluir no sentido da **promoção do trabalho em equipa** entre os estudantes e da utilização de critérios de avaliação que considerem a sua **criatividade** (e não apenas a aquisição de conhecimentos técnicos).

Foi ainda referido que os currículos de engenharia nas Universidades devem incluir (ou levar mais longe) **disciplinas de Management, Business Administration, e Entrepreneurship** para confrontar os estudantes com os aspectos relacionados com a criação e gestão de empresas e desmontar ou amenizar receios.

O GOVERNO

Foi referido por diversos interlocutores que se deve apostar na **flexibilidade das leis laborais**. A argumentação baseava-se na necessidade de combater contextos de conforto em excesso que desincentivem a assumpção de risco e a determinação de quem empreende (ou, noutro sentido, a falta de empenho e irresponsabilidade). Exemplos dados foram o excesso de subsídios (que podem artificialmente manter uma empresa e impedir que ela desenvolva as características de competitividade que ela necessita), ou os processos de falência (que não combatem a irresponsabilidade e permitem o oportunismo). Na mesma linha foi referido que devem ser dados estímulos claros a quem arrisca e empreende, com qualidade e sentido de responsabilidade – como exemplo do que pode ser feito foram referidas as **políticas fiscais de incentivo**.

Foi consensualmente referida a necessidade de uma **aposta na educação** forte e determinada. O tema não foi muito discutido (mas ainda assim foi diversas vezes referido) apenas porque a importância de mudar o sistema de educação e melhorar drasticamente os seus resultados foi assumida como óbvia.

Foi por diversas vezes referido, tendo as opiniões sido consensuais, que deve ser feito um muito maior

esforço para **atrair investimentos** que possam funcionar como âncoras de competências no nosso país e também como demonstrador do que se deseja para Portugal (em resumo, foi considerado ser uma forma eficaz de estabelecer referências claras (e adequadas) e de mostrar a sua exequibilidade). A Siemens foi referida como exemplo.

Alguns interlocutores referiram também ser necessário promover o bom funcionamento de **Venture Capital** em Portugal. Não houve no entanto consenso quanto à sua importância, tendo sido referido que em Portugal, e dado o nosso patamar de desenvolvimento, é muito mais importante a facilitação e promoção da actividade dos **Business Angels**.

AUTARQUIAS

A opinião expressa em relação às Autarquias foi a de que elas não estão preparadas para a mudança de paradigma de geração de riqueza nas sociedades modernas (ou seja, a importância da indústria do conhecimento). Foi referido que se assiste a uma banalização do discurso à volta de parques tecnológicos que no entanto revela desconhecimento sobre o que é importante para que eles possam ter sucesso.

OUTROS

Foi referido por diversas vezes que todos os actores (Universidades, Governo ou Autarquias) devem apostar no **exemplo** para multiplicar o aparecimento de empresas de base tecnológica.